

GUARAPARI

Em Guarapari encontro Gil Baião, José Rattes — são dois amigos de antigamente, em Cachoeiro — e um tem uma serraria no Rio Doce, outro uma fazenda em Petrópolis. E a conversa fatalmente é sobre nossos colegas de ginásio; espanto-me com a minha falta de memória. Eles se lembram bem melhor daquelas turmas do Pedro Palácios; dizem nomes que se haviam perdido e que de súbito me fazem evocar fisionomias longamente familiares ou apenas ficam soando sem encontrar eco dentro de mim. Entre o fazendeiro e o madeireiro eu me sinto aéreo e leviano, eles me parecem sólidos e invejáveis, tão mais presos à terra e à família, é como se eles tivessem mais realidade e eu fôsse uma sombra meio falsa, um fantasma que estivesse acontecendo nesta praia de Guarapari como em qualquer outro lugar. Aqui mesmo Gil tem uma casa, José comprou todo um promontório, o morro dos Pescadores, e ainda uma ilha; sinto que eles estão em casa, eu sou um transeunte vagamente intruso.

Guarapari recebe gente de Vitória, de Minas e do Rio para inaugurar seu hotel Radium e do apartamento novo desse hotel que se inaugura olho as praias curvas e lindas deste "país calmoso e hereditário limitado a oeste pelo oceano matagal e a leste pelo oceano marítal onde se respira o ar puro por consequência" — assim reza um velho e autêntico discurso cujo bestialógico é salvo pela secreta poesia surrealista. Um casal de franceses passeia encantado pela praia violentamente radioativa, compra colares de coral e concha, quer saber o nome das frutas; meu colega da Faculdade tem duas filhas mocinhas perfeitamente lindas, isso me dá uma inveja perplexa, procuro me imaginar pai de moças, com certeza seria severo e carinhoso, mas como sofreria quando elas se casassem, se acaso filhas minhas pudessem ser assim tão lindas — e se fôsse feias, eu com minha incapacidade penosa de homem feio de gostar de feias com que surdo desespero as amaria! Debato-me entre essas hipóteses, respiro aliviado por não ter filha moça, entretanto, permaneço invejoso. De resto — penso — o ser pai de filha moça é ofício que se aprende devagarinho, primeiro a gente é pai de um bebê, depois de menininha, depois de menina, depois de mocinha — devagar a gente se acostuma e se aparelha mental e sentimentalmente para ter filha moça... e perder a filha moça. Em todo caso é melhor ser pai de um rapaz de um homem de bigodes.

Cujas reflexões são interrompidas porque eis que o hotel se inaugura, há discursos, de repente quem aparece é o sr. Tenório Cavalcanti que por sinal tem filha moça e a trouxe para a festa, vieram também capangas armados — tudo isso é meio absurdo em um hotel de Guarapari, "país calmoso e hereditário", o sr. Tenório faz demonstrações de jiu-jitsu na praia, as crianças assistem, um capanga tem um revólver visivelmente enrolado em uma toalha, agora o sr. Tenório faz uma conferência com paradoxos e gracinhas, isso me dá uma indefinível tristeza, ah, o meu querido Brasil!

CM 10/12/53

R. B.

Xerox

22

502